

Aryon Rodrigues: mestre, colega e amigo

Wolf Dietrich¹

A minha relação com Aryon Rodrigues começou em 1987, no grande encontro dos especialistas de línguas indígenas sul-americanas em Eugene (Oregon, Estados Unidos). Antes, eu me considerava como aluno de Antonio Tovar, o grande pioneiro no estudo moderno das línguas ameríndias (Tovar 1961, 1984). Um ano depois da morte de Tovar em 1985, publiquei a minha gramática do Chiriguano, feita possível pela sua iniciativa, e continuei a pesquisa das línguas Tupi-Guarani dos subgrupos I-III de Rodrigues. Por outro lado, eu estava em contato com Mary Ritchie Key, a pioneira norte-americana da linguística ameríndia, que ensinava na Universidade da Califórnia, em Irvine. Ela me convidou a participar do workshop de Eugene, onde conheci a maioria dos membros da comunidade de linguistas especializados em linguística de línguas indígenas americanas, Yonne Leite, Lucy Seki, Marília Facó Soares, Bruna Franchetto, Marcia Damaso Vieira, Marie-Claude Mattei-Muller, Maurizio Gnerre, Doris e Thomas Payne, Terry Kaufman, Cheryl Jensen, Robert Dooley, Mary Ruth Wise, Ernest Migliazza, Desmond Derbyshire, Berend J. Hoff e, naturalmente Aryon e Daniele Rodrigues, entre vários outros.

O verdadeiro papel que Aryon desempenhava na linguística das línguas nativas do Brasil se me evidenciou só depois do contato pessoal de Eugene. Felizmente, foi um contato não só científico, mas também das famílias. A nossa amizade fundava-se em interesses científicos comuns, a linguística histórica aplicada às línguas indígenas e em métodos de análise afins.. Entre 1993 e 2013 nos encontramos várias vezes ou na nossa casa em Münster ou na casa dele em Brasília, seja com as nossas mulheres e filhos, seja sem elas e eles. Naturalmente, nos vimos também em outros lugares, em congressos internacionais e, por exemplo, em 1994, na ocasião de encontros com colegas holandeses como Willem F. H. Adelaar em Leiden.

O exemplar de *Linguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*, de 1986, que Aryon me presenteou na ocasião do “workshop” de Eugene, foi para mim uma revelação, a apresentação de um novo universo de línguas indígenas, de diferentes famílias, e das possibilidades de uma classificação rigorosamente fonológica. Já vi então que Aryon era o maior representante da linguística brasileira da época. Nos repetidos encontros em Brasília conheci muitas e muitos dos seus discípulos, que preparavam as suas teses de mestrado e doutorado. Aqueles anos entre 1990 e 2010 foram uma época de auge na linguística indígena brasileira, com a extensão de trabalhos de campo e a descrição de línguas antes praticamente desconhecidas nos seus detalhes. Todas as vezes que nos encontramos me contou das últimas disputas que tinha com colegas e com alunas e alunos, o que me mostrou que a sua posição na

1 Universität Münster

linguística brasileira não era sempre incontestada, mas ele a defendia, às vezes com certa teimosia.

Aryon Rodrigues, que se doutorou em Hamburgo em 1959, com uma tese sobre a fonologia do tupinambá, a primeira descrição fonológica desta língua extinta já a finais do século XVIII, manteve uma certa afeição à Alemanha, cuja língua lhe era familiar. A mesma fundação Alexandre de Humboldt que lhe outorgara uma bolsa de estudos nos anos 1950, quando esteve em Hamburgo, tendo interesse em manter o contato com os antigos bolsistas, outorgou-lhe duas novas bolsas nos anos 1990. Numa primeira ocasião chegou a ver-nos em Münster com toda a família em 1993, realizando-se a segunda, mais estendida, em 1996, quando se hospedou com sua esposa Daniele e o filho Tiago na casa de hóspedes da Universidade de Münster. Aproveitamos desta estância para prepararmos, à iniciativa de Aryon, o artigo comum sobre as relações históricas entre o Mawé-Sateré e a família Tupi-Guarani (Rodrigues/Dietrich 1997). Eu, naquela época, estava metido, com outros colegas, em um projeto de atlas linguístico que mirava a documentar a extensão geográfica do bilinguismo guarani-espanhol dos paraguaios e da população das áreas adjacentes da Argentina e do Brasil (Thun/Aquino/Dietrich/Symeonidis (2009, 2015). Aryon, felizmente, estimulou-me a ampliar as minhas atividades mais além do âmbito do guarani, à família Tupi-Guarani inteira e mais geralmente ao tronco Tupi. As frequentes viagens ao Brasil, necessárias para fazer o trabalho de campo em conexão com o mencionado atlas linguístico, permitiram-me fazer também várias escalas em Brasília para encontrar-me com Aryon e participar dos encontros científicos organizados por ele e Ana Suelly Cabral.

De grande importância, nesta continuidade, foram os mencionados encontros científicos sobre línguas indígenas brasileiras (Belém 2001) e línguas e culturas tupi (Brasília 2004 e 2007). A última vez que encontrei Aryon, em 2013, no congresso sobre classificadores em Brasília, ele já estava marcado pela doença e pela idade. Além de todas as outras temáticas, o seu tema central, fundamental e orientador foi a fonologia, desde a sua tese de doutorado até os últimos trabalhos. Com o tupinambá como ponto de partida e guia nos estudos linguísticos, a linha geral das preocupações linguísticas dele foi a linguística histórica, especialmente a reconstrução do sistema fonológico do Proto-Tupi-Guarani e do Proto-Tupi (Rodrigues 2005, 2007).

2.1. A linguística histórica como estudo das relações internas dentro de uma família linguística quase naturalmente levou Aryon Rodrigues à pesquisa sobre problemas de classificação linguística e sobre a relação histórica entre duas famílias ou grupos de famílias de línguas. Destacam-se, neste contexto, as suas perspectivas sobre o Macro-Jê (Rodrigues 1999) e sobre possíveis relações pré-históricas entre os grupos Gê-Pano-Carib e Jê-Tupí-Karib (Rodrigues 2000). Em todo este campo Aryon, naquela época, era

o promotor e o modelo dos trabalhos de alunas e alunos, e eu também muitas vezes me orientei pelas suas pesquisas de referência.

2.2. A grande importância de Rodrigues na linguística indígena brasileira e geral não se limita à fonologia. Lembro artigos fundamentais na análise gramatical e sintática do tupinambá que até hoje testemunham da sua perspicácia no reconhecimento de estruturas linguísticas diversas do latim, do português e do inglês, línguas que geral e inconscientemente influenciam a observação e compreensão dos linguistas. Aryon não era um linguista superficial que se contentasse com uma descrição fácil de fatos difíceis. Combinava as lições recebidas durante os seus primeiros anos na Alemanha, tanto na fonologia como na análise funcional de categorias gramaticais próprias das línguas brasileiras, com os progressos da linguística norte-americana. Sempre me chamou a atenção de ele ter escolhido para si a nomenclatura da fonologia acústica preferida nos Estados Unidos (vogal aguda ou grave, alta ou baixa) ao passo que a fonologia europeia geralmente conservava a tradicional terminologia articulatória (vogal aberta ou fechada). A primeira e até hoje única gramática moderna do tupinambá (Gerardi 2023), embora a partir de um modelo de análise sintática muito peculiar, deve muitíssimo a Aryon Rodrigues. Seu autor, naturalmente, cita todos os títulos importantes dele.

3.1. É sumamente interessante observar como Aryon desenvolveu sucessivamente as suas capacidades de análise gramatical embora as intuições importantes sejam precoces. Entre os seus múltiplos trabalhos gostaria de escolher três exemplos. O primeiro refere-se à marcação da pessoa, descrita definitivamente nas atas do workshop de Eugene/Oregon (Rodrigues 1990). Trata-se da análise pormenorizada do uso, bastante peculiar, que os Tupinambá faziam das pessoas, isto é dos agentes, na estruturação de um discurso. Certo, os participantes do discurso, o falante (1ª pessoa) e o ouvinte (2ª pessoa) são os que se conhecem em todas as línguas. Dois fatores, porém, complicam para nós, não-Tupinambás, a compreensão da estrutura das pessoas gramaticais de plural, o conceito do que nós chamamos de terceira pessoa, a pessoa que não participa do discurso, mas na de que se fala, e o uso que se faz das formas gramaticais estabelecidas para as diferentes combinações de pessoas (123 ou 1ª pessoa de plural inclusiva e 13 ou 1ª pessoa de plural exclusiva) e para a expressão de uma pluralidade de terceiras pessoas. Não queremos entrar aqui nos detalhes, mas só exprimir a nossa admiração para a escrupulosidade e aplicação consequente do método de análise com que Aryon explica, passo a passo, a realidade linguística, que tão estranha parecia antes.

3.2. O segundo exemplo se refere à explicação de uma categoria sintática típica de várias línguas tupi-guarani, categoria preservada em algumas línguas dos subgrupos III, IV, VI-VIII), ao que até hoje, no modelo de Aryon Rodrigues, se chama de “caso argumentativo”. Ainda que outros

autores tenham dado outros nomes a essa categoria marcada por *-a* (caso nuclear, caso nominativo, caso nominal, etc.), todos concordam em chamá-la de “caso”¹ Depois de um trabalho preparativo (Rodrigues 1996a), Aryon, na segunda versão (2001, 109), define o caso argumentativo como o caso que distingue nomes e formas verbais nominalizadas como argumentos sintáticos (actantes e circunstantes na terminologia de Tesnière), opondo-as a vocativos e predicados nominais e também aos outros quatro casos identificados por ele. Porém, a natureza dos avanços adquiridos nas ciências humanas, e também na linguística, é que são temporários, muitas vezes substituídos mais tarde por outras soluções, que sejam melhores ou piores. Neste caso, Queixalòs (2006), com boas razões, pode mostrar que a distinção entre argumentos e predicados não é a função principal do “caso argumentativo”, mas a sua natureza de referir a um membro determinado de uma classe de referentes (função referencial). Por outro lado, é pouco dizer que foi muito importante o primeiro passo do Aryon numa situação na qual não se dizia nada ou nada coerente sobre o caso argumentativo ou sufixo nominal referente..

3.3. Por outro lado, as intuições que Aryon adquirira sobre as línguas gerais sul-americanas estão ficando insuperadas até hoje (Rodrigues 1996b), embora, como sempre acontece, haja opiniões contrárias, as quais não quero nem citar, nem discutir aqui. O termo “língua geral” já se usava nas primeiras descrições missionárias das línguas sul-americanas (nahuatl, otomi, maya, quechua, aimara, mapuche, guarani) na missão hispano-americana. No domínio brasileiro se conhecia a Língua brasílica falada na costa do Brasil em tempos coloniais e empregada na missão da fé cristã entre os indígenas.

Aryon, no seu artigo sobre a temática, dando-se conta da natureza historicamente diversa da Língua geral brasileira daquela do hemisfério hispano, concatenou os fatos linguísticos no momento de reconhecer a natureza diferente da Língua Geral Paulista e da Língua Geral Amazônica, relacionando esta últimas com a sua manifestação moderna, o *nheengatu*. No

1 O problema da escolha, neste contexto, do termo “caso” ou de outro termo é uma questão de preferência pessoal. Entre as línguas aglutinantes, caracterizadas por uma morfologia rica em sufixos, as línguas mais importantes da família ugro-fênica, o húngaro e o finlandês, se observam tradições opostas. Na tradição da gramática húngara só existe uma oposição de dois casos, o caso sujeito marcado por *ø* e o caso de objeto direto marcado por *-t*. Nesta língua os sufixos que marcam relações locativas e outras não formam “casos” senão “determinações”. Na tradição finlandesa, ao contrário, os casos sintáticos (nominativo, acusativo, partitivo) e também os locativos são “casos”. Deste modo o finlandês tem uns 15 casos diferentes do grande número de posposições. O critério é a função sintática: em uma destas tradições, “caso” é só o que marca um argumento sintático, na outra também parte dos complementos circunstanciais. Gerardi (2023, 263-268), um membro da nova geração de linguistas de línguas ameríndias, embora adotando três dos quatro casos de Rodrigues (2001, 108-109), na sua interpretação do sufixo *-a* segue Queixalòs (2006) glossando-o como elemento referencial (REF). A mesma questão terminológica levanta-se no caso da “flexão pessoal”. Rodrigues (2001, 105) fala em “flexão de pessoa” em tupinambá, como em línguas flexivas tradicionais como o latim e o grego, onde a tradição húngara chama a mesma realidade linguística de “marcação de pessoa”. Veja-se também o termo “flexão relacional” (Rodrigues (2001, 109-110) e a de “flexão de caso” (Rodrigues 2001, 107-108) onde outros autores só admitem diferentes sufixos. Gerardi (2023, 264-268) aceita o termo de “caso flexivo”.

Brasil, as línguas gerais, a do Sul e a do Norte, tiveram uma formação e um papel social diferentes da Hispano-América por duas razões, diferenças na colonização e no trato dos colonizadores com os indígenas. Este último, no Caribe, no México, Peru, em Colômbia e Chile, era caracterizado pelo princípio da “pureza de sangue”, que impedia o cruzamento incontrolado das raças. No Brasil, ao contrário, chegava uma maioria de varões, sem mulheres, que se casaram normalmente com mulheres indígenas, a situação se desenvolveu de maneira diferente. Nas famílias dos colonos a língua “geral” era o tupinambá, reduzindo-se o uso do português ao contato com a administração e outros representantes de Portugal. No domínio hispano só existia um caso paralelo, o Paraguai, colonizado também por uma maioria de varões que se casaram com mulheres guaranis e que reduziram, até certo ponto, o uso do espanhol. É verdade que as diferenças entre o tupinambá e a Língua geral amazônica – a paulista fica parcialmente desconhecida pela falta de documentos – se devem à presença subjacente, mas constante, do português. Todas as reduções da estrutura que caracterizaram o tupinambá, seja na fonologia, seja na morfossintaxe, na sintaxe ou no léxico da Língua geral, explicam-se pela influência imperceptível do português. As mudanças convergentes com o português são evidentes.²

Estou lembrando esta temática fundada por Aryon Rodrigues, entre outros, porque atualmente a pesquisa sobre a Língua Geral Amazônica está em movimento. Os dez dicionários preservados e a única gramática que se conhece não só se estudam e se classificam (cf. [Meisterburg] 2019), mas também existem iniciativas para publicá-los no seu todo, o que permitirá no futuro estudar com mais facilidade esta língua tão interessante em vários aspectos.

O mérito científico de Aryon Rodrigues é enorme. Não só deu os primeiros passos na linguística indígena brasileira e na formação de novos pesquisadores, mas também elaborou fundamentos e cultivou campos inteiros na análise descritiva e na explicação histórica. Para mais cem anos!

2 Na linguística românica alemã dos anos 2000 se discutiu muito sobre a tipologia das mudanças linguísticas, geralmente mudanças caracterizadas pela convergência de uma língua dominada com a língua dominante. Neste contexto se falava na “mão invisível” que dirige processos desta índole (cf. Stehl 2005)..

DIETRICH, Wolf, **El idioma chiriguano. Gramática, textos, vocabulario.** Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.

GERARDI, Fabrício Ferraz. **A Role and Reference Grammar Description of Tupinambá.** Tübingen: Tübingen Library Publishing, 2023. <http://hdl.handle.net/10900//142263>

[MEISTERBURG, Antonio] [**Dicionário de Língua Geral Amazônica**], 1ª parte: Português – Língua Geral, 2ª parte: Língua Geral – Português. Manuscrito nº 1136, anônimo e sem título, da Biblioteca Municipal de Trier (Alemanha). Missão de Piraguiri, Baixo Xingu, antes de 1756. Edição diplomática, revisada e ampliada com introdução, comentários e anexos por Wolf Dietrich, Ruth Monserrat e Jean-Claude Muller, com a colaboração de Candida Barros e Karl-Heinz Arenz. Transliteração por Gabriel Prudente. Potsdam: Universitätsverlag, 2019. <https://doi.org/10.25932/publishup-41639>.

QUEIXALÒS, Francesc. “The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani”, in: Lois, Ximena & Valentina Vapnarsky (eds.), **Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages.** Bern, Berlin etc.: Peter Lang, 2006. 249-287.

RODRIGUES, Aryon, “Classification Tupi-Guarani”, **IJAL** 24 (1958), 231-234.

Rodrigues, Aryon, **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon. “You and I = Neither You nor I: the personal system of Tupinambá”, in: Payne, Doris L. (org.), **Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages**, Austin: University of Texas Press, 1990, p. 393-405.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. “Argumento e predicado em Tupinambá”, **Abralin – Boletim da Associação Brasileira de Linguística** (Maceió) 19 (1996), 57-66.

RODRIGUES, Aryon. “As línguas gerais sul-americanas”, **Papia** 4,2 (1996), 6-18.

RODRIGUES, Aryon D. “Sobre a natureza do caso argumentativo”, in:

Queixalòs, Francesc (org.), **Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question**, München: Lincom Europa, 2001, p. 103-114.

RODRIGUES, Aryon D. “As vogais orais do Proto-Tupi », in: Rodrigues D. Aryon e A.S.A.C. Cabral (orgs.), **Novos estudos sobre línguas indígenas**, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2005. p. 35-46.

RODRIGUES, Aryon D. “As consoantes do Proto-Tupi”, in: Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Aryon D. Rodrigues (orgs.), **Línguas e Culturas Tupí**, vol. I, Campinas, S.P.: Curt Nimuendajú – Brasília: LALI/UNB, 2007, p. 167-203.

RODRIGUES, Aryon e Wolf Dietrich. “On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní”, **Diachronica** XIV (1997), 2, 265-304.

STEHL, Thomas. “Sprachkontakt und Konvergenzdynamik. Aktuelle Dimensionen der historischen romanischen Sprachwissenschaft“, in: Stehl, Thomas (ed.), **Unsichtbare Hand und Sprachwandel. Typologie und Prozesse des Sprachwandels in der Romania**. Tübingen: Narr, 2005, p. 1-24.

THUN, Harald/AQUINO, Almidio/DIETRICH, Wolf e Haralambos Symeonidis (orgs.) **Atlas lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Tomo I: Léxico del cuerpo humano**, elaborado por Wolf Dietrich y Haralambos Symeonidis, Kiel: Westensee-Verlag, 2009.

62 THUN, Harald/AQUINO, Almidio/DIETRICH, Wolf e Haralambos Symeonidis (orgs.) **Atlas lingüístico Guaraní-Románico (ALGR).. Tomo II: Léxico del parentesco**, elaborado por Wolf Dietrich, Guido Kallfell y Harald Thun, Kiel: Westensee-Verlag, 2009.

TOVAR, Antonio, **Catálogo de las lenguas de América del Sur**, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1961. 2ª. edición, con Consuelo Larrucea de Tovar, Madrid: Gredos, 1984.